

---

# OS CONECTORES E O SEU PAPEL NA INTERPRETAÇÃO DE UM TEXTO PUBLICITÁRIO

Gustavo Ximenes Cunha<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

## Resumo:

Este artigo analisa o funcionamento dos conectores *mas* e *por isso* na construção de sentidos em um texto publicitário. Esta análise toma como referencial teórico a Teoria das Representações Mentais e o Modelo de Inferências Direcionais, teorias que defendem o caráter mais procedural do que conceitual dos conectores, por trazerem esses elementos instruções que auxiliam o leitor/ouvinte em seu percurso inferencial.

Palavras-chave: teoria das representações mentais, modelo de inferências direcionais, texto publicitário

## Abstract:

This paper analyzes the operation of the connectives *mas* and *por isso* in the construction of meanings of an advertising text. This analysis has as theoretical references the Theory of Mental Representation and the Model of Directional Inferences, theories that defend the connectives' nature as being more procedural than conceptual, since they bring instructions that assist the reader/hearer in his inferential course.

Key Words: theory of mental representation, model of directional inferences, advertising text

## Introdução

Nos discursos da publicidade comercial, a situação de comunicação que se estabelece entre os interlocutores diz respeito ao nível situacional do discurso, nível que, segundo Charaudeau

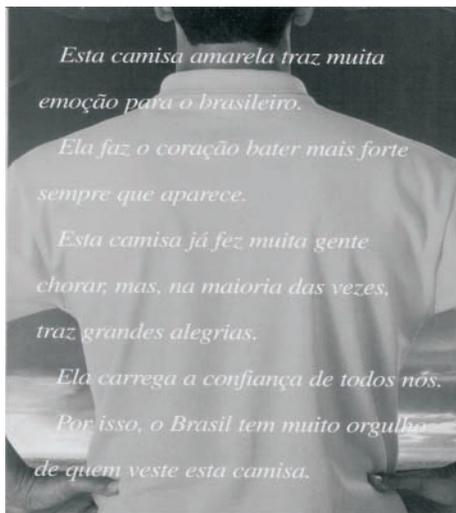
51

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Minas Gerais (UFMG). Este trabalho é o resultado de uma pesquisa vinculada ao projeto "A função dos conectores na interpretação do discurso", desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Janice Helena Chaves Marinho.

(2004), traz restrições para as regularidades do nível discursivo, o qual, por sua vez, traz restrições para o nível formal do discurso. Assim, as propriedades do nível situacional do discurso publicitário exigem que o produto anunciado “alcance a sensibilidade do destinatário suposto e instale nele um desejo de apropriação do produto” (Charaudeau, 2004, p. 30). Essas exigências do nível situacional levam ao surgimento, no nível das regularidades discursivas, “de um discurso de valorização extrema do produto” (Charaudeau, 2004, p. 30). Com as regularidades discursivas, restringindo o nível formal, surgem frases curtas, “jogando com as palavras para criar metáforas” (Charaudeau, 2004, p.31).

No discurso publicitário comemorativo do dia dos carteiros, reproduzido abaixo, observam-se as restrições mencionadas, próprias do discurso publicitário comercial, embora a intenção primordial do anunciante não seja exatamente vender um produto, mas fortalecer a imagem de um empresa por meio da homenagem a um funcionário que, numa relação metonímica, a representa<sup>2</sup>.



<sup>2</sup> Texto da publicidade: “Esta camisa amarela traz muita emoção para o brasileiro. Ela faz o coração bater mais forte sempre que aparece. Esta camisa já fez muita gente chorar, mas, na maioria das vezes, traz grandes alegrias. Ela carrega a confiança de todos nós. Por isso, o Brasil tem muito orgulho de quem veste esta camisa”.



Nessa publicidade, o nível situacional impõe a busca pelo alcance da sensibilidade do destinatário suposto, o qual, em se tratando de uma empresa como *Os Correios*, se identifica com uma parcela de cidadãos muito ampla, por englobar indivíduos de diversos graus de escolaridade, faixas etárias e camadas sociais. A necessidade de ter que se alcançar a sensibilidade de destinatários tão heterogêneos impõe ao nível discursivo a restrição de valorizar o profissional homenageado, através do recurso de se agregar a ele valores compartilhados pelos diferentes destinatários. É essa restrição do nível discursivo que leva o anunciante, no nível formal, a jogar com os enunciados do texto e com a primeira imagem da camisa, os quais podem ser associados tanto à figura do carteiro quanto à figura do jogador da seleção brasileira de futebol. A restrição do nível discursivo é a responsável ainda pela necessidade de, no nível formal, se construírem enunciados de modo que seus contextos de interpretação se limitem apenas a estas duas possibilidades: ou a camisa pertence ao jogador da seleção ou pertence ao carteiro.

Neste artigo, o nosso objetivo é defender a hipótese de que os conectores *mas* e *por isso*, atuando no nível formal como

sinalizadores da relação entre seqüências do discurso, funcionam como guias para a construção dos contextos de interpretação, porque colaboram com o leitor na sua tarefa de construir sentidos para a publicidade.

## 1. Referencial Teórico

54

Para defender a hipótese de que os conectores funcionam como guias para a construção dos contextos de interpretação, serão utilizadas como referência teórica duas recentes teorias lingüísticas que se preocupam com o tratamento pragmático da referência e da referência temporal: a Teoria das Representações Mentais e o Modelo de Inferências Direcionais.

Essas teorias, por serem concebidas como uma especificação da Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson, postulam que as palavras de uma língua podem ser classificadas como conceituais ou procedurais. Do ponto de vista cognitivo, elas são conceituais, se através delas for possível ter acesso às representações proposicionais com as quais o sistema central do pensamento pode realizar inferências, e são procedurais, se através delas for possível manipular e tratar as representações proposicionais, indicando qual procedimento deve ser efetuado sobre essas representações. Já do ponto de vista lingüístico, as palavras de uma língua têm natureza conceitual, se fazem parte das categorias lexicais (substantivo, verbo, adjetivo), e têm natureza procedural, se fazem parte do léxico fechado, o qual é composto por categorias não lexicais e por morfemas gramaticais e cuja função é indicar a maneira de se proceder em relação às palavras das categorias lexicais.

A distinção entre informação conceitual e informação procedural é importante por permitir diferenciar a natureza das informações ligadas aos conectores, aos tempos verbais, aos pronomes anafóricos e por propor uma descrição dessas expressões procedurais sob a forma de instruções. Tratando especificamente dos conectores, Sperber e Wilson (1993) e Moeschler (1998) consideram que eles participam da classe das palavras de natureza procedural, por codificarem as informações sobre como manipular as representações conceituais, fornecendo "as instruções sobre

a maneira de construir o contexto e sobre a maneira de tirar as implicações contextuais dos enunciados” (Moeschler, 1998: 91).

Feita a distinção entre palavras de natureza procedural e palavras de natureza conceitual, acreditamos ser necessário fazer uma breve exposição das teorias que nos auxiliarão na análise dos conectores.

### *1.1.A Teoria das Representações Mentais e o Papel dos Conectores*

De acordo com a Teoria das Representações Mentais (TRM), o funcionamento cognitivo consiste em criar, modificar e manipular as representações mentais (RM) sobre as quais se aplica um número finito de operações simples. Essas RM podem ser de quatro tipos: RM de objetos, RM de acontecimentos, RM de estados e RM de atividades. A estrutura interna de cada RM se constitui de várias entradas, as quais são, basicamente, *endereço*, que é um meio de acesso às informações que a RM contém; a *entrada lógica*, que indica quais relações lógicas a RM mantém com outras RM; a *entrada enciclopédica*, que reúne as informações referentes ao conceito ao qual a RM se relaciona; a *entrada espaço-temporal*, que indica as características temporais e/ou espaciais do conceito; e, por fim, a *entrada lexical* que indica as expressões linguísticas utilizadas para fazer referência ao conceito (Reboul, 2000).

As RM, como dissemos, é possível se aplicar um número finito de operações (ou instruções) simples, as quais são codificadas pelas palavras de natureza procedural, como os conectores. E, segundo Moeschler (2005)<sup>3</sup>, “um conector pragmático tem por conteúdo procedural a instrução de agrupar as representações mentais de acontecimentos”.

Para uma compreensão mais exata desse modo de operar dos conectores, vejamos um exemplo retirado de Moeschler (2005):

---

<sup>3</sup> Artigo adquirido pela Internet (<http://www.unige.ch/lettres/linguistique/moeschler/publications.php>) em 2002, portanto antes de sua publicação. Não cito as páginas dos trechos extraídos de artigos adquiridos pela Internet porque estes sofreram alteração em sua formatação original.

O avião aterrissou e os passageiros desceram.

Nesse enunciado, duas representações mentais são acessíveis, a saber [*@aterrissagem*] e [*@descida*]. O acesso a essas RM foi possível, porque as informações conceituais do enunciado, às quais as RM se referem, foram tratadas no nível central do pensamento e passaram a constituir representações proposicionais. E, porque as informações conceituais já foram processadas, é necessário, para que o enunciado chegue à sua representação proposicional completa, que o conector *e* indique o modo de se proceder em relação às representações mentais [*@aterrissagem*] e [*@descida*]. E a hipótese lançada por Moeschler é a de que a contribuição do conector *e*, no enunciado, consiste em agrupar as RM numa nova RM [*@aterrissagem e descida*]. Essa RM complexa, segundo Moeschler, contém uma nova informação, não presente nas RM que a compõem: a relação de ordem temporal que pode ser representada como [*@aterrissagem*] $\square$ [*@descida*]. Como diz Moeschler (1997), “essa ordem temporal não é uma relação entre representações mentais, mas uma relação entre acontecimentos”. E pela menção à referência temporal própria de alguns conectores, como o conector *e*, podemos passar a uma breve exposição da segunda teoria do quadro teórico que utilizamos neste artigo.

## *2.2. O Modelo de Inferências Direcionais e o Papel dos Conectores*

O Modelo de Inferências Direcionais (MID) é uma teoria que se propõe a determinar a referência temporal, ou seja, o momento em que acontece o evento descrito pelo enunciado, e que também se propõe a determinar o tipo de evento descrito pelos enunciados (estado, atividade, realização, conclusão). Sem entrar em maiores detalhes, o MID postula que a determinação do tipo de evento auxilia na determinação da referência temporal. E uma das hipóteses centrais do modelo, segundo Moeschler (2000), é de que a determinação da referência temporal não resulta de uma só computação lingüística, mas precisa recorrer tanto à informação lingüística, com suas diferentes marcas temporais,

quanto à informação contextual.

A informação contextual, dentro da economia do modelo, é o elemento de maior força, em relação àqueles que participam do discurso. Abaixo dela, da informação contextual, estão as informações lingüísticas. Essas informações lingüísticas, devido a uma importante contribuição da Teoria da Relevância ao MID, se dividem entre as que se referem a um conceito e as que se referem a um procedimento. Como foi dito na introdução deste trabalho, as informações conceituais indicam o conteúdo das expressões que dão acesso às representações proposicionais, e as informações procedurais indicam o conteúdo das expressões que sinalizam o modo de se proceder com relação às informações conceituais.

Moeschler (2000) propõe, para as diferentes informações conceituais e procedurais, a seguinte hierarquia:

A: As informações contextuais são mais fortes do que as informações lingüísticas.

B: As informações procedurais são mais fortes do que as informações conceituais.

C: As informações procedurais proposicionais (conectores) são mais fortes do que as informações procedurais morfológicas incorporadas (tempos verbais).

Os autores do MID defendem a hipótese de que, associados aos elementos da hierarquia acima, existem traços direcionais de inferência. Esses traços direcionais (TD) são uma informação semântica (ou conceitual) mínima que uma expressão lingüística carrega ou que é atribuída a uma hipótese contextual. Essa informação semântica mínima está fundamentalmente ligada à ordem dos acontecimentos descritos pelo enunciado, justificando o aspecto *direcional* do traço.

Os TD indicam três tipos de inferências a serem realizadas pelo interlocutor, durante o processamento discursivo, que são: inferência prospectiva (IP), inferência retroativa (IR)<sup>4</sup> e inferência

---

<sup>4</sup> Optou-se por traduzir os termos *avant* e *arriére* por *prospectivo* e *retroativo*, respectivamente, por serem estes termos os que melhor, em português, se aproximam do sentido proposto pelos teóricos do MID.

estática (IE).

A IP, de acordo com Moeschler (1997), “se desencadeia quando uma instrução qualquer obriga a fazer uma hipótese sobre a seqüência do discurso”. Aqui, é necessário salientar o aspecto temporal dessa definição. Se uma instrução qualquer, associada a algum dos elementos da hierarquia descrita, leva o interlocutor a realizar inferência acerca do que o discurso apresentará, é porque os acontecimentos descritos estão ordenados segundo uma linha cronológica, como no exemplo abaixo:

O avião aterrissou e os passageiros desceram.

Nesse enunciado, da aterrissagem do avião infere-se a descida dos passageiros, uma vez que a ordem dos acontecimentos [aterrissagem] e [descida] é paralela à ordem dos verbos que os representam, no discurso.

Já a IR, ainda segundo Moeschler (1997), “se desencadeia quando uma instrução qualquer obriga a fazer uma hipótese remontando ao curso do discurso”. Também aqui é necessário salientar o aspecto temporal dessa definição. Se na IP a ordem dos acontecimentos é cronológica, na IR a ordem dos acontecimentos é inversa e não é paralela à sua representação discursiva, como acontece no enunciado abaixo:

Os passageiros desceram, porque o avião aterrissou.

A IE, por último, caracteriza-se pela indeterminação temporal. Do processamento de um item lexical cujo TD seja o de inferência estática, não resulta o desencadeamento nem de uma IP, nem de uma IR. Um exemplo pode ser um enunciado em que os acontecimentos ocorram simultaneamente. Porém, utilizaremos um exemplo de outra natureza, o qual, embora mais complexo, será de maior utilidade, devido à presença do conector “mas”:

O avião aterrissou, mas os passageiros não desceram.

Da aterrissagem do avião infere-se, como já dissemos, a descida dos passageiros, acontecimentos que se dão numa ordem cronológica, a qual caracteriza a IP. No entanto, o conector *mas* funciona, no enunciado acima, como um bloqueador da IP por introduzir a negação do acontecimento inferível pelo primeiro acontecimento, impedindo, assim, a ordenação cronológica entre esses acontecimentos.

Antes de passarmos à próxima seção, é importante que

se defina um último conceito, o conceito de inferência direcional. Como foi dito há pouco, os TD se associam aos elementos conceituais, procedurais e contextuais da hierarquia de força, proposta pelo MID. Nos enunciados, os TD desses elementos da hierarquia podem seguir uma mesma direção temporal ou podem entrar em choque por apresentarem direções temporais diferentes, prevalecendo aqueles que se ligam aos elementos de maior força na hierarquia. A direção temporal de cada enunciado é, portanto, o resultado do cálculo (ou composição) desses vários TD; e é a esse cálculo que se dá o nome de inferência direcional.

## 2. Análise dos Conectores *Mas* e *Por Isso*

### 2.1. *Mas*

Leiamos o enunciado da publicidade em que o *mas* aparece:

Esta camisa já fez muita gente chorar, *mas*, na maioria das vezes, traz grandes alegrias.

De acordo com a análise que se fez, na seção anterior, sobre o papel do *mas* no enunciado [o avião aterrissou, *mas* os passageiros não desceram], pode-se analisar o enunciado da publicidade da seguinte maneira: o conector *mas* atua no agrupamento das representações mentais de dois acontecimentos: [@fez chorar] e [@traz alegria]. Porém, esse agrupamento pelo conector implica a sinalização do choque de ordem temporal existente entre as representações agrupadas, devido à natureza estática da inferência do TD do conector *mas*. Aqui não é possível falar em IP, uma vez que a possibilidade da relação temporal entre os acontecimentos foi bloqueada pela informação procedural [IE] do conector *mas*. Esse conector, portanto, explicita ou indica ao leitor que o segmento que ele introduz traz um acontecimento contrário àquele inferível do primeiro acontecimento.

Entretanto, analisar dessa maneira o enunciado da publicidade é desconsiderar suas características e é desconsiderar que um mesmo conector pode ter atuações diversas.

No enunciado da publicidade, é preciso observar, em primeiro lugar, que a entrada enciclopédica da primeira

representação mental [*@*fez chorar] ativa duas informações, a saber [por alegria] e [por tristeza]. Em seguida, o uso do conector *mas*, com sua informação conceitual de natureza adversativa, implica a negação de uma das duas informações ativadas pela entrada enciclopédica. E qual das duas informações negar [por alegria] é o que o segmento ligado ao conector informa. O que foi dito pode ser representado no esquema a seguir:

60

<b>ENTRADA ENCICLOPÉDICA DA RM[<i>@</i>CHORAR]:</b> (1) por alegria                      (2) por tristeza
<b>INFORMAÇÃO CONCEITUAL:</b> Fez chorar por (1) ou (2) MAS traz alegrias
<b>HIPÓTESE CONTEXTUAL:</b> Se, antes, fez chorar por tristeza, agora traz grandes alegrias

Aqui, vale ressaltar que a negação de uma das informações enciclopédicas parece ser efeito do agrupamento das duas RM [*@*fez chorar] e [*@*traz alegrias] pelo conector *mas*.

Consideremos, agora, o seguinte: se a negação recai, nessa análise, sobre uma informação ativada pela entrada enciclopédica e não mais sobre um acontecimento inferível do primeiro acontecimento, será ainda válido dizer que a inferência do TD do *mas* é de natureza estática? Embora não tenhamos procedido ainda a uma análise que confirme nossa hipótese, acreditamos que o TD do conector *mas*, na maioria dos usos que se fazem dele, é de natureza estática, devido ao bloqueio da IP. Entretanto, no enunciado em análise, a atuação do conector *mas*, descrita no esquema, propicia a interpretação de que o seu TD é de natureza prospectiva. Isso se deve ao fato de que o seu emprego não bloqueou a evidente relação temporal que se estabelece entre os enunciados, a qual é confirmada pela hipótese contextual: se, antes, fez chorar, agora traz grandes alegrias.

De acordo com o que foi dito até aqui, temos, então, que o *mas*, no enunciado da publicidade, é um conector que atua no agrupamento de representações mentais, que marca uma relação adversativa entre um acontecimento e uma informação ativada

pela entrada enciclopédica e cuja informação procedural é [IP].

## 2.2. *Por Isso*

Dos enunciados que compõem o texto da publicidade, apenas o último aparece introduzido por um conector, e qual a razão disso? Para responder a essa pergunta, deve-se observar, em primeiro lugar, que os enunciados que precedem o último enunciado codificam informações lingüísticas que, processadas, se enquadram no tipo das RM de acontecimentos. Sem entrar em detalhes, isso se deve ao fato de que cada enunciado exprime uma ação, codificada pelos verbos, a qual dá acesso a esse tipo de RM. Em segundo lugar, deve-se observar que o último enunciado codifica informações lingüísticas que dão acesso a outro tipo de RM: RM de estado, a qual se caracteriza pela ausência de dinamismo, em oposição à RM de acontecimento (Reboul, 2000).

Assim, pode-se dizer que a função do conector *por isso*, no texto da publicidade, é agrupar dois tipos de RM, RM de acontecimento e RM de estado, sinalizando a diferença entre as RM e explicitando a relação conclusiva entre os elementos conectados.

No entanto, acreditamos que a atuação do *por isso* é de natureza mais complexa, devido ao fato de que ele exerce duas operações: antes de proceder ao *agrupamento* das RM de acontecimentos e da RM de estado, ele atua no *encapsulamento* das RM de acontecimentos, em função da natureza anafórica do pronome *isso*, remetendo ao que foi dito. Dessa forma, antes de colaborar com o TD prospectivo da hipótese contextual geral e fazer com que o tempo do discurso avance, o conector *por isso*, através de uma outra instrução por ele codificada, traz para o presente do discurso as informações processadas anteriormente.

Com base no que foi dito, pensamos que a razão de se introduzir apenas o último enunciado do texto por um conector, o *por isso*, é a necessidade de se marcar a diferença de natureza das RM agrupadas e de se remeter às informações expressas anteriormente ao último enunciado.

## Considerações Finais

Com base na distinção entre palavras de natureza

procedural e palavras de natureza conceitual, vimos que os conectores *mas* e *por isso* são palavras que auxiliam na interpretação do texto da publicidade por codificarem instruções que se aplicam às representações conceituais. Vimos também que, para a Teoria das Representações Mentais, a principal função dos conectores está no agrupamento dessas representações conceituais, definidas, na teoria, como representações mentais. Essa hipótese da TRM parece ter sido confirmada por nossas análises, já que ambos os conectores atuam no agrupamento de RM. Além disso, vimos que, de acordo com o Modelo de Inferências Direcionais, associados aos elementos do discurso existem traços direcionais que levam o leitor a remontar ao que se leu, ou a inferir acerca do que se lerá, ou a não proceder a nenhum dos movimentos. Nas nossas análises, mostramos que os conectores *mas* e *por isso*, que aparecem na publicidade, carregam a instrução predominante de levar o leitor a inferir acerca do que se lerá e que essa característica dos TD associados a eles pode ser efeito do agrupamento de RM.

Por tudo o que foi visto, é possível concluir dizendo que os conectores *mas* e *por isso* têm um papel fundamental na interpretação do texto da publicidade, na medida em que auxiliam o leitor, atuando como guias interpretativos do discurso.

### Referências Bibliográficas

CHARAUDEAU, P (2004). Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG: 13-41.

MOESCHLER, J (2005). Connecteurs pragmatiques, inferences dirrectionnelles et representations mentales, in MOLENDIJK, A. & VET, C. (éds), *Temporalité et attitude. Structuration du discours et expression de la modalité*, Cahiers Chronos 12: 35-50.

MOESCHLER, J (1997). Inferénces en avant et inferences en arrière. ms. (Disponível em <http://www.unige.ch/lettres/linguistique/moeschler/publications.php>)

MOESCHLER, J. (1998). Les connecteurs Pragmatiques. In: REBOUL, A. & MOESCHLER, J. *Pragmatique du Discours*. Paris: Armand Colin. Chap.IV.

MOESCHLER, J (2000). Le Modèle de Inferences Directionnelles. *Cahiers de linguistique française* 22: 57-99.

REBOUL, A (2000). La representation des eventualities dans la Théorie des Représentations Mentales. *Cahiers de linguistique française* 22: 13-55.

SPERBER, D & WILSON, D (1993). Linguistic form and relevance. *Lingua* 90: 1-25.